

Oh! Bendito o que semeia

Livros... Livros á mão - cheia...

E manda o povo pensar!

O livro caíndo n'álma

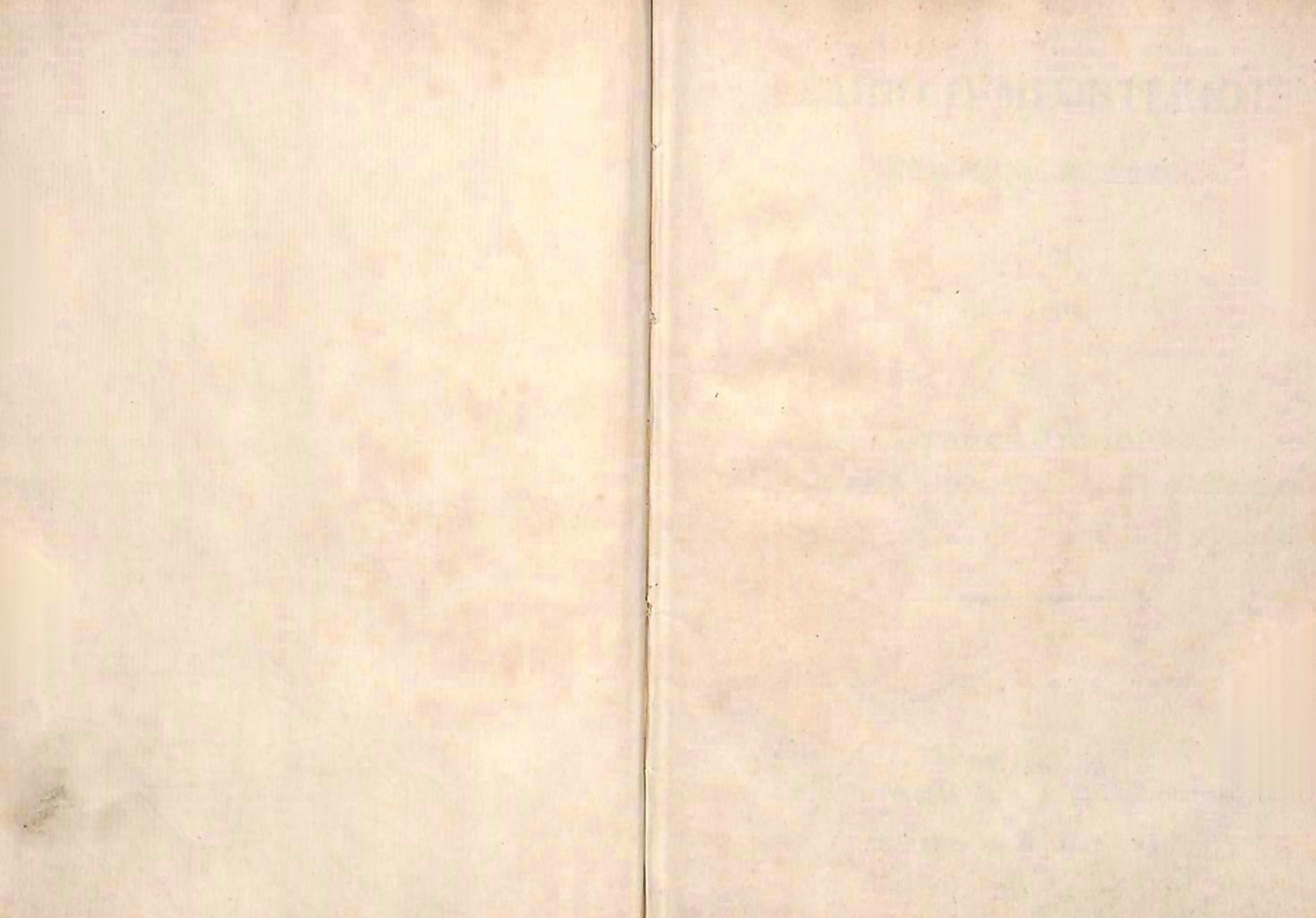
E' germe - que faz a palma,

E' chuva - que faz o mar.

CASTRO ALVES

EX-LIBRIS

Juvenal Cino de Mattos



CAHIO O MINISTERIO!

COMEDIA ORIGINAL DE COSTUMES

EM

TRES ACTOS

POR

França Junior



RIO DE JANEIRO
LIVRARIA POPULAR DE A. A. DA CRUZ COUTINHO
LIVREIRO EDITOR

75 Rua de S. José 75

1883

PERSONAGENS

Um vendedor de bilhetes de loteria.	
1º vendedor de jornaes	
2º idem.	
3º idem.	
4º idem.	
Dr. Raul Monteiro.	Galvão.
Ernesto.	Mello.
Goularte	Peixoto.
Pereira.	Mesquita.
Desembargador Anastacio Florindo Francisco Coelho	
Barbara Coelho, sua mulher	Montani.
Mariquinhas, sua filha	Clelia.
Felicianinha	
Philomena.	Thereza.
Beatriz	Luvini.
Philippe Flecha	Fanny.
Mr. James.	Colás.
Conselheiro Felicio de Brito, presidente do conselho.	Bahia.
Ministro da guerra	Araujo
Ministro do imperio	Peixoto.
Ministro de estrangeiros	Mesquita.
Ministro da justiça	Reis.
Dr. Monteirinho, ministro da marinha.	Florindo.
Senador Felizardo	Clairville.
Pereira.	Teixeira.
Ignacio.	
Arruda.	
Ribeiro.	
Azambuja	

Acto I

O theatro representa parte da rua do Ouvidor. Ao fundo a redacção do *Globo*, a casa immediata, a confeitaria do Castellões e o armarinho vizinho. O interior destes estabelecimentos deve ser visto pelos espectadores. Ao subir o panno a escada que communica o pavimento inferior do escriptorio do *Globo* com o superior deve estar occupada por muitos meninos, vendedores de gazetas; algumas pessoas bem vestidas conversão junto ao balcão. Em casa do Castellões muita gente conversa e come. No armarinho grupos de moças, encostadas ao balcão, conversão e escolhem fazendas. Grande movimento na rua.

SCENA I

UM VENDEDOR DE BILHETES DE LOTERIA, 1º, 2º, 3º e 4º VENDEDORES DE JORNAES, DR. RAUL MONTEIRO e ERNESTO

VENDEDOR DE BILHETES.— Quem quer os duzentos contos? Os duzentos contos do Ypiranga!

1º VENDEDOR DE JORNAES.— A *Gazeta da Tarde*, trazendo a quèda do ministerio, a lista da loteria, tambem trazendo a chronica parlamentar.

2º VENDEDOR.— A *Gazeta de Noticias*. Traz a carta do Dr. Seabra.

3º VENDEDOR.— A *Gazetinha*.

4º VENDEDOR.— A *Espada de Damocles*, trazendo o grande escandalo da camara dos deputados, a historia do ministerio, o movimento do porto, e tambem trazendo o assassinato da rua do Senado.

3º VENDEDOR.— A *Gazetinha* e o *Cruzeiro*.

RAUL MONTEIRO.— (Que deve estar parado á porta do *Globo* a ler os telegrammas: voltando-se e vendo Ernesto, que sae do Castellões.) Oh! Ernesto, como vaes?

ERNESTO.— Bem. E tu?

RAUL.— Então? Nada ainda?

ERNESTO.— Ouvi dizer agora mesmo no Bernardo que foi chamado para organizar o ministerio, o Faria Soares.

RAUL.— Ora! Ora! O Soares partio hontem com a familia para Therezopolis.

ERNESTO.— E' verdade; porém disserão-me que hontem mesmo recebeu o telegramma e que desce hoje. Ahi vem o Goularte.

RAUL.— Homem, o Goularte deve estar bem informado.

SCENA II

Os mesmos e GOULARTE

RAUL.— Oh! Goularte, quem foi o chamado?

GOULARTE.— O Silveira d'Assumpção.

RAUL.— O que estás dizendo?

GOULARTE.— A pura verdade.

ERNESTO.— Com os diabos! Por esta não esperava eu. Estou aqui, estou demittido.

RAUL.— Mas isto é de fonte pura?

GOULARTE.— E até já está organizado o ministerio.

RAUL.— Quem ficou na fazenda?

GOULARTE.— O Rocha.

RAUL.— E na justiça?

GOULARTE.— O Brandão. Para a guerra entrou o Felicio; para a agricultura o barão de Botafogo...

ERNESTO.— O barão de Botafogo?

GOULARTE.— Sim, pois não o conheces! E' o Ladislão Medeiros.

ERNESTO.— Ah! já sei.

GOULARTE.— Para estrangeiros o visconde de Pedregulho; para a pasta do imperio o Serzedello...

RAUL.— Misericordia!

GOULARTE.— E para a marinha o Lucas Viriato.

RAUL.— Lucas Viriato?! Quem é?

ERNESTO.— Não o conheço.

GOULARTE.— Eu tambem nunca o vi mais gordo, mas dizem que é um sujeito muito intelligente...

SCENA III

Os mesmos e COMMENDADOR PEREIRA

PEREIRA.— Bom dia, meus senhores. (*Aperta-lhes as mãos.*)

RAUL.— Ora viva, Sr. commendador.

PEREIRA.— Então, já sabem?

RAUL.— Acabamos de saber agora mesmo. O presidente do conselho é o Silveira d'Assumpção.

PEREIRA.— Não ha tal, foi chamado, é verdade, mas não aceitou.

GOULARTE.— Mas, Sr. commendador, eu sei...

PEREIRA.— Tambem eu sei que o homem esteve cinco horas em S. Christovão, e que de lá sabio á meia-noite, sem se haver decidido cousa alguma.

RAUL.— (*Vendo Anastacio entrar pela direita.*) Ora ahi está quem nos vae dar noticias frescas.

ERNESTO.— Quem é?

RAUL.— O conselheiro Anastacio, que alli vem. (*Seguem para a direita, e formão um grupo.*)

GOULARTE.— Chama-o.

SCENA IV

Os mesmos, ANASTACIO e VENDEDORES

VENDEDOR DE BILHETES.— (*Que juntamen'te com os outros tem passado pela rua, vendendo ao povo os objectos que apreçoão durante as scenas anteriores.*) Quem quer os duzentos contos do Ypiranga!

1º VENDEDOR.— A *Gazeta da Tarde* a 40 rs.

2º VENDEDOR.— A *Gazeta de Noticias*.

3º VENDEDOR.— *A Gazetinha.* Traz a quêda do ministério. (*Saem os vendedores.*)

RAUL.— Sr. conselheiro, satisfaça-nos a curiosidade. Quem é o homem que nos vae governar?

ANASTACIO.— Pois ainda não sabem?

GOULARTE.— São tantas as versões...

ANASTACIO.— Pensei que estivessem mais adiantados. Ora oução lá. (*Tira um papelinho do bolso; todos preparão-se para ouvi-lo com attenção.*) Presidente do conselho, visconde da Pedra Funda; ministro do imperio, André Gonzaga.

GOULARTE.— Bem bom, bem bom.

ANASTACIO.— Da marinha, Bento Antonio de Campos.

RAUL.— Não conheço.

ERNESTO.— Nem eu.

GOULARTE.— Nem eu.

PEREIRA.— Nem eu.

ANASTACIO.— Eu tambem não sei quem seja. Ouvi dizer que é um sujeito dos sertões de Minas.

RAUL.— É por consequente muito entendido em cousas de mar.

ANASTACIO.— Ministro da fazenda, o barão do Bico do Papagaio.

RAUL.— Para a fazenda?!

ANASTACIO.— Sim, senhor.

RAUL.— Porém este homem nunca deu provas de si. E' pouco conhecido... Nas circumstancias em que se acha o paiz...

GOULARTE.— Não diga isto, e aquelle á parte que elle deu ao Ramiro... Lembra-se, Sr. conselheiro?

ANASTACIO.— Não.

GOULARTE.— Um á parte dado na questão do Xingú.

RAUL.— Era melhor que o tivessem deixado á parte. Vamos adiante.

ANASTACIO.— Ministro da guerra, Antonio Horta.

ERNESTO.— Magnifico!

RAUL.— Qual magnifico.

ANASTACIO.— Da agricultura, João Cesario, e fica na pasta dos estrangeiros o presidente do conselho.

RAUL.— Lá estão pondo um telegramma na porta do Globo. Vamos ver o que é. (*Dirigem-se á porta do Globo, ao redor da qual reúnem-se todos que estão em scena, e depois retirão-se. Ernesto entra no Globo.*)

SCENA V

D. BARBARA COELHO e MARIQUINHAS

D. BARBARA.— (*Entrando com Mariquinhas pela esquerda.*) Que massada. Se eu soubesse que esta maldita rua estava hoje neste estado, não tinha sahido de casa.

MARIQUINHAS.— Pois olhe, mamã; é assim que eu gosto da rua do Ouvidor.

D. BARBARA.— Tomara eu já que se organise o ministério, só para assim ver se teu pai socega. Encasquetou-se-lhe na cabeça que ha de ser por força ministro.

MARIQUINHAS.— E porque não, mamã? Os outros são melhores do que elle?!

D. BARBARA.— E vive ha trez dias encerrado em casa, como um verdadeiro maluco. Por mais que lhe diga, — Seu Chico, vá para a camara, contente-se em ser deputado, que não é pouco, e o homem a dar-lhe. Já quando cahio o outro ministerio foi a mesma cousa. Passa o dia inteiro a passeiar de um lado para o outro; assim que ouve o ruido de um carro, ou o tropel de cavallos corre para a janella, espreita pelas frestas da veneziana, e começa a dizer-me todo tremulo: — E' agora, é agora, Barbinha, mandarão-me chamar. De cinco em cinco minutos pergunta ao criado — Não ha alguma carta para mim? Que afflicção de homem, Santo Deos! Aquillo já é molestia! Parece que se elle não sahir ministro desta vez, arrebenta!

MARIQUINHAS.— Faz papai muito bem. Se eu fôsse homem tambem havia de querer governar.

D. BARBARA.— Pois eu se fôsse homem acabava com ca-

maras, com governo, com liberaes, conservadores e republicanos e reformava este paiz.

SCENA VI

As mesmas e FELICIANINHA

MARIQUINHAS.— Gentes, D. Felicianinha por aqui!

FELICIANINHA.— (Com embrulhos.) E' verdade. Como está, D. Barbara? (Aperta a mão de Barbara e de Mariquinhas e beijão-se.)

MARIQUINHAS.— Como vae a Bibi? A Fifina está boa? Ha muito tempo que não vejo a Cocota.

FELICIANINHA.— Todos bons. Eu é que não tenho andado muito boa. Só a necessidade me faria sair hoje de casa.

D. BARBARA.— E' o mesmo que me acontece.

FELICIANINHA.— Fui ao *Palais-Royal* experimentar um vestido, fui depois ao dentista, entrei no Godinho para ver umas fitas para o vestido da Chiquinha...

MARIQUINHAS.— Nós tambem estivemos no Godinho. Não vio lá a Philomena Brito com a filha?

FELICIANINHA.— Vi, por signal que tanto uma como a outra estavam caídas que era um Deus nos acuda.

D. BARBARA.— Andão constantemente assim. E a siri-gaita da filha a estropiar palavras em francez, inglez, allemão e italiano, para mostrar aos circumstantes que já esteve na Europa.

FELICIANINHA.— Eu acho uma cousa tão ridicula! E o que quer dizer vestir-se a mãe igual á filha!

D. BARBARA.— E' moda cá da sua terra. Andão as velhas por ali todas pintadas, frisadas, esticadas e arrebicadas, a espera dos rapazes pelas portas dos armarios e das confeitarias. Cruz, credo, Santa Barbara! Só se benzendo a gente com a mão canhota. Olhe, lá em Minas nunca vi disto e estou com cincoenta annos!

SCENA VII

D. BARBARA, MARIQUINHAS, FELICIANINHA, PHILOMENA e BEATRIZ

MARIQUINHAS.— Lá vem a Philomena com a filha.

D. BARBARA.— Olhem só que sirigaitas!

PHILOMENA.— (Sahindo com Beatriz do armario do fundo.) Como está, D. Barbara? (Comprimentão-se todas, beijando-se.)

D. BARBARA.— Como está, minha amiga?

MARIQUINHAS.— (Para Beatriz.) Sempre bonita e interessante.

D. BARBARA.— (Para Philomena.) E a senhora cada vez mais moça.

PHILOMENA.— São os seus olhos.

FELICIANINHA.— (Para Beatriz.) Como tem passado?

BEATRIZ.— Assim, assim. *Çà va doucement*, ou como dizem os allemães: *so, so*.

D. BARBARA.— (Baixo a Mariquinhas.) Começa ella com a algaravia.

BEATRIZ.— Não tive o prazer de vel-a no ultimo baile do Cassino. Esteve *ravissant, esplendide*. O *high-life* do Rio de Janeiro estava representado em tudo quanto possible de mais *recherché*. O salão illuminado a *giorno*, e a *last fashion* exhibia os seus mais bellos esplendores. *Prachtvoll, ausgezeichnet*, como dizem os allemães.

D. BARBARA.— (Baixo a Mariquinhas.) Olha só para aquillo. *Ausgetz...* Parece que tem um pedaço de cará fervendo na bocca.

PHILOMENA.— A Beatriz causou sensação. Não lerão a esc ripção da sua *toilette*?

D. BARBARA.— Ouvi dizer alguma cousa a respeito.

PHILOMENA.— Pois sahio em todos os jornaes, no *Globo*, na *Gazetinha*, na *Gazeta da Tarde*, na *Gazeta de Noticias...*

BEATRIZ.— O corpinho estava *come ci, come ça!* A snia é que estava *ravissante!* Era toda *bouilloné*, com fitas *vieill'or* e inteiramente curta.

FELICIANINHA.— Vestido curto para baile?
BEATRIZ.— E' a ultima moda.
MARIQUINHAS.— Onde mandou fazel-o?
PHILOMENA.— Veio da Europa.
BEATRIZ.— E foi feito pelo Worth.
D. BARBARA.— (*Baixo a Mariquinhas.*) Com toda a certeza foi feito em casa, com aviamentos comprados em algum armarinho muito cangueiro.
PHILOMENA.— Mas não vale a pena mandar vir vestidos da Europa. Chegão por um dinheirão, e aqui não aprecião essas cousas.
BEATRIZ.— O que aqui aprecião é muita fita, muitas côres espantadas... emfim, *tout ce qu'il y a de camelote.*
FELICIANINHA.— Não é tanto assim.
BEATRIZ.— Agora mesmo acabamos de encontrar com as filhas do Trancoso, vestidas de um modo...
PHILOMENA.— E' verdade, vinhão muito ridiculas.
BEATRIZ.— Escorridas, coitadas, que parecião um chapéo de sol fechado. *Sapristi!*
PHILOMENA.— E onde é que foi a mulher do Seabra buscar aquelle vestido branco todo cheio de fofinhos e crespinhos!
BEATRIZ.— Parecia que estava vestida de tripas. *C'est incroyable.*
D. BARBARA.— Deixe estar que na Europa tambem se ha de ver muita cousa ridicula. Não é só aqui que...
BEATRIZ.— Disto lá nunca vi; pelo menos em Paris.
D. BARBARA.— (*A' parte.*) Desfructavel! (*Para Mariquinhas alto.*) Menina, vamos embora, que já é tarde.
MARIQUINHAS.— Adeos, D. Beatriz.
BEATRIZ.— *Addio.* (*Beijão-se todas reciprocamente.*)
PHILOMENA.— (*Para D. Barbara.*) Appareça; sabe que sou, fui e serei sempre sua amiga.
D. BARBARA.— Da mesma fôrma. E se assim não fôsse tambem dizia-lhe logo; eu cá sou muito franca.
PHILOMENA.— E por isso é que a estimo e considero. (*Saem D. Barbara, Mariquinhas e Felicianinha.*)

SCENA VIII

BEATRIZ e PHILOMENA

BEATRIZ.— (*Vendo Mariquinhas.*) Olhe só como vae aquelle chapéo especado no alto da cabeça.

PHILOMENA.— E a mãe cada vez se veste peor. Não parece que já tem vindo ao Rio. Viste o Dr. Raul?

BEATRIZ.— Não senhora.

PHILOMENA.— E' singular! Porque desappareceu elle lá de casa?

BEATRIZ.— Não sei! alguma intriga talvez. Sou tão infeliz...

PHILOMENA.— Pois olha, aquelle era um excellente partido. Moço, talentoso...

BEATRIZ.— *Tout a fait chique.*

PHILOMENA.— *E tout a fait (faz signal de dinheiro), que é o principal.*

BEATRIZ.— Se papai fôsse chamado agora para o ministerio...

SCENA IX

As mesmas, RAUL e GOULARTE

RAUL.— (*Entrando do fundo com Goularte e vendo Beatriz e Philomena.*) Oh! diabo! lá está a mulher do conselheiro Brito com a filha... Se me descobrem estou perdido.

GOULARTE.— Porque?

RAUL.— Porque? Porque a filha namora-me, desgraçado, julga-me muito rico, e noutro dia no Cassino, cahindo eu na asneira de dizer-lhe que era bella, encantadora, essas banalidades, tu sabes, que costumamos dizer ás moças nos bailes, o diabinho da rapariga fez-se vermelha, abaixou os olhos, e disse-me—Sr. Dr. Raul, porque não me pede a papai?

GOULARTE.— Pois pede-lhe.

RAUL.— Nessa não caio eu! E' pobre como Job, e mulher

sem isto (*signal de dinheiro*) está se ninando. Vamos embora. (*Saem.*)

SCENA X

PHILOMENA, BEATRIZ, MR. JAMES e PEREIRA

PHILOMENA.— E Mr. James? Não me disseste que elle tambem...?

BEATRIZ.— Faz-me a côrte, é verdade; porém aquillo é passaro bisnáo, e não cae assim no laço com duas razões.

PHILOMENA.— Dizem que é o inglez mais rico do Rio de Janeiro.

BEATRIZ.— Isto sei eu.

MR. JAMES.— (*Sahindo do Castellões com Pereira e vendo as duas.*) How? Mim não póde fica aqui; vae embora depressa, Sr. commendador.

PEREIRA.— Porque?

MR. JAMES.— Semana passada, mim estar na baile de Cassino, diz áquelle menina, que elle estar bonita; menina estar estúpida, e diz a mim — How? Porque voucê não mi pede a papai?

PEREIRA.— Bravo! e porque não se casa com ella?

MR. JAMES.— Oh! no; mim não estar vem a Brazil p'ra casa. Mim vem aqui p'ra faz negocia. Menina não tem dinheiro, casamento estar máo negocia. No, no, no quer. Eu vae embora. (*Sae para um lado, e Pereira para outro.*)

PHILOMENA.— (*Tirando uma carteirinha do bolso.*) Vejamos o que ha ainda a fazer.

BEATRIZ.— Vamos á *Notre-Dame* ver os collarinhos e ao *Boulevard* do Manoel Ribeiro.

PHILOMENA.— E' verdade; vamos lá. (*Saem.*)

SCENA XI

ERNESTO e PHILIPPE FLECHA

PHILIPPE.— (*Sahindo do armarinho com uma caixa de*

papelão debaixo do braço, a Ernesto que sae do Globo.) Sr. Ernesto, vê aquella mulher?

ERNESTO.— Qual dellas? Uma é a senhora do conselheiro Brito, a outra é a filha.

PHILIPPE.— Aquella mulher é a minha desgraça.

ERNESTO.— Quem?... A filha?

PHILIPPE.— Ella sim! Por causa della já não durmo, já não como, já não bebo. Vi-a pela primeira vez, ha uma semana, no Castellões. Comia uma empada! Com que graça ella segurava a appetitosa iguaria entre o furabolo e o mata-piolho, assim, olhe. (*Imita.*) Vel-a e perder a cabeça foi obra de um momento.

ERNESTO.— Mas, desventurado, não sabes...?

PHILIPPE.— Já sei o que vae dizer-me. Que sou um simples caixeiro de armarinho e que não posso aspirar á mão daquelle anjo. Mas dentro do peito deste caixeiro pulsa um coração de poeta. Não póde imaginar as torturas por que tenho passado desde o instante em que a vi... Vi-a pela primeira vez no Castellões...

ERNESTO.— Comia uma empada. Já me disseste.

PHILIPPE.— Mas o que ainda não lhe disse é que por causa della tenho chuchado as maiores descomposturas dos patrões, e que em um bello dia ficarei na rua a tocar leques com bandurras. A sua imagem não me sae um só instante da cabeça. Estou no armarinho; se mé encomendão linha dou marcas de lamparinas; se gritão retroz preto trago sabonetes; a um velho que me pediu hontem suspensorios metti-lhe nas mãos uma bisnaga! O homem gritou, o patrão chamou-me de burro, os freguezes tomá-rão pagode commigo. Estou desmoralisado.

ERNESTO.— Está bom, já sei.

PHILIPPE.— Não póde saber, seu Ernesto.

ERNESTO.— Olha, se o patrão te vê de lá a conversar aqui, estás arranjado.

PHILIPPE.— Noutro dia á noite, quando os outros caixeiros dormião, eu levantei-me, acendi a vela, e escrevi este soneto. (*Tira um papel do bolso e lê.*) Ouça só o principio:

Quando te vejo radiante e bella,
Por entre rendas, filós e escumilha
Meu coração ardente se humilha,
E minha alma murmura: é ella!

ERNESTO.— Magnifico! Está muito bom.

PHILIPPE.— Mandei-o para a *Gazetinha*. Pois querem saber o que fizerão? (*Tirando a Gazetinha do bolso e mostrando.*) Leia. E' aqui na Correspondencia.

ERNESTO.— (*Lendo.*) « Sr. P. F. »

PHILIPPE.— Philippe Flecha, sou eu.

ERNESTO.— (*Lendo.*) « Os seus versos cheirão a metro e a balcão; o poeta não passa talvez de um caixeiro de armario. » (*Rindo.*) E' boa! E' boa!

PHILIPPE.— O maldito filó e a escumilha comprometerão-me. Não leio mais este papelucho. (*Sóbe.*) Lá está ella parada á porta do Farani.

SCENA XII

Os mesmos, 1º VENDEDOR, 2º VENDEDOR, 3º IDEM,
4º IDEM (*Sahindo do Globo.*)

1º VENDEDOR.— O *Globo* da tarde a 40 rs.

2º VENDEDOR.— O *Globo*, trazendo o ministerio e a lista da loteria.

3º VENDEDOR.— O *Globo*.

4º VENDEDOR.— O *Globo* a 40 rs.

ERNESTO.— Vejamos se já ha alguma cousa de novo. (*Compra. Para Philippe.*) Não queres saber quem foi chamado para o ministerio?

PHILIPPE.— Que me importa o ministerio? O meu ministerio é ella! Olhe, quando a vi pela primeira vez foi no Castellões. Ella comia...

ERNESTO.— Uma empada, com os diabos, já sei; não me amoles. (*Sae.*)

SCENA XIII

PHILIPPE e VENDEDOR DE BILHETES

VENDEDOR DE BILHETES.— A sorte grande do Ypiranga!... Quem quer os duzentos contos!

PHILIPPE.— Oh! como te amo!

VENDEDOR.— (*Para Philippe.*) Não quer os duzentos contos?

PHILIPPE.— Deixa-me.

VENDEDOR.— Fique com este numero que é o ultimo.

PHILIPPE.— Não quero.

VENDEDOR.— Eu tenho um palpite de que o senhor apanha a taluda.

PHILIPPE.— Homem, vá-se embora.

VENDEDOR.— Veja só o numero.

PHILIPPE.— (*A' parte.*) Quem sabe se não está aqui a minha felicidade!?

VENDEDOR.— Então, não se tenta?

PHILIPPE.— (*A' parte, tirando dinheiro do bolso.*) Lá se vão os ultimos vinte e cinco mil réis, que me restão do ordenado deste mez. (*Alto.*) Tome. Não quero ver o numero. (*Sae o vendedor.*) Lá seguio ella para a rua dos Ourives. (*Sae correndo.*)

SCENA XIV

Mr. JAMES e RAUL

RAUL.— (*Sahindo da direita e lendo o Globo.*) « A' hora em que entrou a nossa folha para o prélo, ainda não se sabia... » (*Continúa a ler baixo.*)

Mr. JAMES.— (*Que vem lendo tambem o Globo, entrando por outro lado.*) « Os ultimos telegrammas da Europa annuncião... » (*Continúa a ler baixo, encontrando-se com Raul.*)

RAUL.— Oh! Mr. James! Como está?

Mr. JAMES.— How, Sr. Raul, como tem passada?

RAUL.— Então sabe já alguma cousa ácerca do ministerio?

MR. JAMES.— Não estar lá bem informada. E' difficil este crise. Neste paiz tem duas cousas que não estar bom; é criadas e ministeria. Criadas não quer pára em casa, e ministeria dura tres, quatro mezes, bumba! vae em terra. Brasileira não póde supporta governo muito tempa. Quando ministra começa a faz alguma cousa, tudo grita— No presta, homem estar estúpida, homem estar tratanta...

RAUL.— Infelizmente é a pura verdade.

MR. JAMES.— Quando outra sóbe diz mesma cousa, muda presidenta de provincia, subdelegada, inspector de quarteirão, e paiz, em vez de anda, estar sempre parada.

RAUL.— A verdade núa e crúa.

MR. JAMES.— Vaucê escusa, se mim diz isto. Tudo quanto faz neste terra não é p'ra inglez ver?

RAUL.— Assim dizem.

MR. JAMES.— Pois então mim estar inglez, mim estar na direita de faz critica do Brazil.

RAUL.— A maldita politica é que tem sido sempre a nossa desgraça.

MR. JAMES.— Oh! Yes. Vem liberal, faz couse boe, vem conservador desmanche couse boe de liberal.

RAUL.— E vice-versa.

MR. JAMES.— Oh! Yes.

RAUL.— E os republicanos?

MR. JAMES.— How! Não falla em republicanas. Estar gente toda *very good*. Mas mim não gosta de republicana que faz barulha no meio da rua; governo dá employa e republicana cala sua bocca.

RAUL.— Mas no numero destes que calão a bocca com empregos não se comprehendem os republicanos evolucionistas; aquelles que, como eu, querem o idéal dos governos sem sangue derramado, sem commoções sociaes...

MR. JAMES.— Oh! republicana evolucionista estar a primeira de todos republicanas. Espera de braço cruzado que republica apparece; e enquanto republica não appa-

rece, republicana estar ministra, deputada, senador, conselheira, tuda. Republicana evolucionista estar partida que tem por partida tira partida de todas as partidas.

RAUL.— Não é nos partidos que está o nosso mal.

MR. JAMES.— Sua mal de voucês está no lingua. Brasileira falla muito, faz discursa *very beautiful*, mas paiz não anda p'ra adiante com discursa.

RAUL.— Tem razão.

MR. JAMES.— Paiz precisa de braças, de commercia, de industria, de estradas de ferro...

RAUL.— E' verdade, e a sua estrada para o Corcovado?

MR. JAMES.— Mim estar em ajuste com companhia. Mas quando pretende compra estrada e que tem promessa de governa p'ra privilegia, maldita governa cae, e mim deixa de ganha muita dinheira.

RAUL.— Mas póde obter o privilegio com esta gente.

MR. JAMES.— Oh! yes! Para alcança privilegia em que ganha dinheira mim faz tudo, tudo.

RAUL.— Se eu pudesse alcança tambem...

MR. JAMES.— Uma privilegia?

RAUL.— Não; contento-me com um emprego.

MR. JAMES.— Mas voucê estar republicana evolucionista, póde alcança. Estrada p'ra Corcovado vae felicita muito Rio de Janeiro.

RAUL.— Dizem que o seu systema é diverso do da empreza actual?

MR. JAMES.— Oh! yes!

RAUL.— Como pretende subir?

MR. JAMES.— E' um segredo, que voucê depois ha de sabe. Se mim não alcança privilegia estar perdida!

RAUL.— Porque?

MR. JAMES.— Porque já tem empata muito dinheira, e agora é preciso ganha.

RAUL.— Só eu não acho tambem em que ganhar dinheiro.

MR. JAMES.— Voucê não estar rico?

RAUL.— Assim dizem; mas só eu sei as linhas com

que me caso. No Rio de Janeiro quando um sujeito possui cincoenta contos, dizem todos, tem trezentos!

SCENA XV

Os mesmos e PHILIPPE

PHILIPPE.— Sumio-se pela rua dos Ourives. Não pude mais vel-a. Não ha remedio senão levar esta caixa ao seu destino.

SCENA XVI

PHILIPPE, MR. JAMES, RAUL, ERNESTO e GOULARTE

ERNESTO.— (*Correndo.*) Até que afinal.

PHILIPPE e RAUL.— O que é?

ERNESTO.— Foi chamado...

GOULARTE.— O conselheiro Felicio de Brito!

RAUL.— O pai da Beatriz de Brito?

ERNESTO.— Isso mesmo.

PHILIPPE.— Magnifico! Magnifico! Magnifico!

MR. JAMES.— Conselheira de Brito, que estar pai de Sra. Beatriz?

ERNESTO.— Yes.

MR. JAMES.— (*Sorrindo, d parte.*) How!

PHILIPPE.— (*A parte.*) O pai della!

RAUL.— Mas esta noticia é verdadeira?

ERNESTO.— Está á porta de todos os jornaes. Na *Gazetinha*, na *Gazeta de Noticias*...

GOULARTE.— Na *Gazeta da Tarde*, no *Cruzeiro*... no *Jornal do Commercio*...

RAUL.— Lá estão pregando um papel no *Globo*. (*Reunem-se todos jun'õ ao Globo, menos Raul, Philippe e Mr. James, que ficam no proscenio.*)

RAUL.— (*A parte.*) Beatriz julga-me rico, offereço-lhe a mão, que aliás ella já pedio, e apanho um emprego.

MR. JAMES.— (*A parte.*) Filha de presidenta de conselha estar apaixonada por mim; mim com certeza apanha privilegia

PHILIPPE.— (*A parte.*) Eu amo-a, adoro-a cada vez mais. Ah! que se eu apanho a sorte grande!!

RAUL.— Está chovendo. (*Abre o chapéo de chuva.*)

MR. JAMES.— E' verdade. (*Abre o guarda-chuva. Todos abrem guardas-chuva, menos Philippe.*)

PHILIPPE.— (*A parte.*) Lá vem ella!

RAUL.— (*A parte.*) Ella!

MR. JAMES.— (*Vendo Beatriz.*) How! (*Ao entrar em scena Beatriz, acompanhada de Philomena, Raul dá-lhe o braço e cobre-a com o chapéo, James dá o braço a Philomena e cobre-a.*)

RAUL.— Dou-lhe os meus sinceros parabens.

MR. JAMES.— Minhas felicitações.

PHILOMENA.— Obrigada.

PHILIPPE.— (*Tomando os embrulhos de Philomena e Beatriz.*) Façam o favor, minhas senhoras!

BEATRIZ.— Não se incomode.

PHILIPPE.— (*A parte.*) Que mão, Santo Deos! Estou aqui, estou-lhe em casa.

FIM DO PRIMEIRO ACTO

Acto II

Sala elegantemente mobiliada. Portas ao fundo e lateraes

SCENA I

ERNESTO e PHILIPPE

ERNESTO.— (*Entrando, a Philippe, que deve estar tomando notas em uma pequena carteira.*) Philippe?! Por aqui?!

PHILIPPE.— E então?

ERNESTO.— E's tambem pretendente?

PHILIPPE.— Não; sou repporter.

ERNESTO.— Repporter?

PHILIPPE.— E' verdade. O amor ou é a minha perdição ou ha de ser talvez a causa da minha felicidade. Venho aqui todos os dias, extasio-me diante daquellas fórmas divinas... Olhe, quando a vi pela primeira vez foi no Castellões, ella...

ERNESTO.— Comia uma empada.

PHILIPPE.— Ah! Já lhe disse?

ERNESTO.— Milhares de vezes; já sei esta historia de cór e salteado. Mas como diabo te fizeste repporter?

PHILIPPE.— Desde o dia em que tive a felicidade de encontrar essa mulher na estrada sinuosa, espinhosa, lacrimosa da existencia, tornei-me completamente outro homem. A atmospherá do armarinho pesava-me, o balcão acachapava-me, o metro desmoralisava-me, e a idéa de ter um patrão encalfava-me... Eu sentia dentro de mim um não sei que que me dizia — Philippe Flecha, tu não nasceste para vender agulhas, alfazema e lamparinas marca de páo, ergue a cabeça...

ERNESTO.— E ergueste-a.

PHILIPPE.— Não, abaixei-a para evitar um cascudo que o patrão pretendia dar-me em um bello dia em que esta-

va a olhar para a rua, em vez de servir as freguezas, e não voltei mais á loja. Achando-me só, sem emprego, disse com os meus botões—E' preciso que eu faça alguma cousa. Escrever para o publico, ver o meu nome em lettra redonda, o senhor sabe, foi sempre a minha cachaça. Fiz-me repporter, nas horas vagas escrevo versos, e d'aqui para jornalista é um pulo.

ERNESTO.— E's mais feliz do que eu.

PHILIPPE.— Porque?

ERNESTO.— Porque não pretendes sentar-te a uma grande mesa que ha neste paiz, chamada do orçamento, e onde, com bem raras excepções, todos têm o seu taller. Nesta mesa uns banqueteam-se, outros comem, outros apenas lambiscão. E é para lambiscar um bocadinho, que venho procurar o ministro.

PHILIPPE.— Elle não deve tardar.

ERNESTO.— Fui classificado em primeiro lugar no ultimo concurso da secretaria.

PHILIPPE.— Então está com certeza nomeado.

ERNESTO.— Se a isso não se oppuzer um senhor de barão e cutello, chamado empenho, que tudo ata e desata nesta terra, e a quem até os mais poderosos curvão a cabeça.

PHILIPPE.— Ah! vem o ministro.

SCENA II

Os mesmos, conselheiro FELICIO DE BRITO

ERNESTO.— (*Comprimentando.*) A's ordens de S. Ex.

PHILIPPE.— (*Comprimentando.*) Excellentissimo.

BRITO.— O que desejão?

ERNESTO.— Vinha trazer esta carta para S. Ex. e implorar-lhe a sua valiosa protecção.

BRITO.— (*Depois de ler a carta*) Sim, senhor. Diga ao Sr. senador que hei de fazer todo o possivel por servil-o. Vá descansado.

ERNESTO.— Eu tenho a observar a S. Ex...

BRITO.— Já sei, já sei.

ERNESTO.— Que fui classificado em primeiro lugar.
BRITO.— Já sei, já sei. Vá. (*Ernesto comprimenta e sae. A Philipp3, que deve estar a fazer muitos comprimentos.*)
O que quer? Ah! é o senhor?

PHILIPPE.— Humilissimo servo de S. Ex. Desejava saber se já ha alguma cousa de definitivo.

BRITO.— Pôde dizer na sua folha que hoje mesmo deve ficar preenchida a pasta da marinha; que o governo tem lutado com difficuldades... Não, não diga isto.

PHILIPPE.— E essas difficuldades devem ter sido bem grandes; porque ha quinze dias que o ministerio está organizado, e ainda não se pôde achar um ministro para a marinha.

BRITO.— O verdadeiro é não dizer nada. Venha cá logo, e comunicar-lhe-hei então tudo o que houver occorrido.

PHILIPPE.— (*A' parte.*) Onde estará ella?

BRITO.— Vá, vá, venha logo.

PHILIPPE.— (*A' parte.*) Se eu pudesse vel-a. (*Alto.*) Excelentissimo. (*Comprimenta e sae.*)

SCENA III

BRITO, PHILOMENA e BEATRIZ

BRITO.— (*Toca a campainha; apparece um criado.*) Não deixe ninguem entrar nesta sala. (*O criado inclina-se.*)

PHILOMENA.— (*Que entra com Beatriz, pela esquerda.*) E as minhas visitas?

BEATRIZ.— E as minhas, papai? *Voyons. Ça ne se fait pas.*

BRITO.— Porém, minha querida Beatriz, espero aqui os meus collegas, temos que tratar de negocios do estado, que são negocios muitos sérios...

BEATRIZ.— *Ça ne fait rien.*

PHILOMENA.— Ao menos dê ordem para que deixem entrar Mr. James.

BEATRIZ.— E o Sr. Raul tambem.

BRITO.— Valha-me Deos! Vocês alcanção de mim tudo o

que querem. (*Para o criado.*) Quando o Sr. James e o Sr. Raul chegarem, manda-os entrar. (*O criado comprimenta e sae.*) Estão satisfeitas?

BEATRIZ.— *I love you*, meu querido papai.

PHILOMENA.— (*Reparando a sala.*) E então? A sala já não parece a mesma!

BEATRIZ.— E as cortinas estão *assorti* com a mobilia. Mas este tapete é um escarro.

PHILOMENA.— E' verdade. Felicio, precisamos comprar um tapete. Vi hontem um muito bonito no Costrejean.

BRITO.— Não compro mais cousa alguma, minha senhora. A senhora pensa porventura que eu aceitei esta prebenda para ainda em cima arruinar-me?

PHILOMENA.— Quando se está em certa posição, não se deve fazer figura ridicula.

BEATRIZ.— *Noblesse oblige*, papai.

PHILOMENA.— Não sei o que quer dizer ser ministro e andar de bond como os outros, ter uma casa modestamente mobiliada, como os outros, não receber, não dar bailes, não dar jantares, como os outros, vestir-se como os outros...

BEATRIZ.— E' verdade. *C'est ridicule.*

BRITO.— Mas, minhas filhas, não ha ninguem por ahi que não saiba que tenho poucos recursos, que vivo apenas dos meus ordenados. A vida de um homem de estado é devassada e esmerilhada por todos, desde os mais infimos até os mais elevados representantes da escala social. O que dirão se me virem amanhã ostentando um luxo incompativel com os meus haveres?

PHILOMENA.— Se a gente fôr dar satisfações a tudo o que dizem...

BRITO.— E olha que aqui não se coxilla para dizer que um ministro é ladrão. O que mais querem vocês de mim? Já obrigarão-me a alugar esta casa em Botafogo...

PHILOMENA.— Deviamos ficar morando em Catumby?

BRITO.— E o que tem Catumby?

BEATRIZ.— Ora papai.

BRITO.— Sim, o que tem?

BEATRIZ.— Não é um bairro como *il faut*.

BRITO.— Obrigarão-me a assignar o theatro lyrico e... comarote.

PHILOMENA.— Está visto. Havia de ser interessante ver a familia do presidente do conselho sentada nas cadeiras...

BEATRIZ.— Como qualquer Sinhá Ritinha da Prainha ou da Gambêa... *Dieu m'en garde!* Eu preferiria lá não ir.

BRITO.— Obrigarão-me mais a ter criados estrangeiros de casaca e gravata branca, quando eu podia perfeitamente arranjar a festa com o Paulo, o Zebedeu e a Maria Angelica.

BEATRIZ.— Pois não, são frescos, sobretudo o Zebedeu. No outro dia, á mesa de jantar, mamã disse-lhe: — Vá buscar lá dentro uma garrafa de vinho do Porto, mas tome cuidado, não a sacuda. Quando chegou com a garrafa, mamã perguntou-lhe — Sacudio? — Não senhora, diz elle, mas vou sacudir agora. E começa, zás, zás, zás. (*Faz menção de quem sacode.*) *Quelle imbecile!* Aquillo é que os allemães chamão — *ein Schafskopf!*

BRITO.— Até a minha roupa vocês querem reformar.

PHILOMENA.— Com franqueza, Felicio, a tua sobrecasaca já estava muito sebosa!

BEATRIZ.— Papai quer fazer a mesma figura que faz o ministro do imperio?

BRITO.— E' um homem muito intelligente. Tem um grande tino administrativo.

BEATRIZ.— Tem, sim, senhor; mas era melhor que elle tivesse um *puletot* na razão directa da intelligencia. E depois, como come, Santo Deus! Segura na faca, assim, olhe (*mostra*) e mette-a na bocca até ao cabo, toda atulhada de comida. *Choking!*

BRITO.— Em compensação o ministro de estrangeiros...

BEATRIZ.— E' o melhorzinho delles. Mas não sabe linguas.

BRITO.— Estás enganada, falla muito bem francez.

BEATRIZ.— Muito bem, muito bem, lá para que digamos não senhor. Diz *monsiù, negligè, bordó*, e outras que taes.

BRITO.— Emfim ha quinze dias apenas que subi ao poder e já estou cheio de dividas!

PHILOMENA.— Não é tanto assim.

BRITO.— Só ao compadre Bastos deve dez contos de réis.

PHILOMENA.— E se não fôsse elle, estaríamos representando um papel bem triste.

BEATRIZ.— Não poderíamos receber ás quintas-feiras o *high life* do Rio de Janeiro.

BRITO.— Sim, esse *high life* que aqui vem dansar o *co-tillon*, ouvir boa musica, saborear-me os vinhos; e que abandonar-me-ha com a mesma facilidade com que hoje me adula no dia em que eu não puder mais dispôr dos empregos publicos.

BEATRIZ.— Papai não tem razão.

BRITO.— Pois bem, minha filha, quer tenha ou não razão, só te peço uma cousa, e faço igual pedido á tua mãe. Não exijão de mim impossiveis. Vocês sabem que nada lhes posso negar. (*Tirando o relógio e vendo as horas.*) Os meus companheiros não tardão. Vou ao meu gabinete; já volto.

SCENA IV

PHILOMENA, BEATRIZ e MR. JAMES

BEATRIZ.— (*Sentando-se e lendo um livro, que deve trazer na mão.*) E' muito bem escripto este romance de Manzoni.

PHILOMENA.— Um tapete novo aqui deve fazer um vis-tão. Não achas?

MR. JAMES.— (*Com um rolo debaixo do braço.*) Mim pó-de entra?

PHILOMENA.— Oh! Mr. James!

MR. JAMES.— Como está, senhorra. (*Para Beatriz.*) Vosmecê vae bem?

PHILOMENA.— Pensei que não viesse.

MR. JAMES.— Oh! mim dá palavra que vem; mim não falta sua palavra.

BEATRIZ.— Assim deve ser.

PHILOMENA.— Touxe os seus papeis?

MR. JAMES.— Oh! yes.

BEATRIZ.— O seu projecto é a *great attraction* do dia.

MR. JAMES.— Projecto estar muita grandiosa. (*Desenrola o papel e mostra.*) Carros sae d'aqui de Cosme Velha, e sóbe Corcovada em vinte minutas.

BEATRIZ.— E estes cachorros que estão aqui pintados?

MR. JAMES.— Senhorras não entende deste cousa: mim falla com pai de vosmecê, explica o que é todos esses cachorras.

PHILOMENA.— Tudo quanto temos de bom devemos aos Srs. estrangeiros.

BEATRIZ.— *C'est vrai*. Os brasileiros, com raras excepções, não se occupão destas cousas.

MR. JAMES.— Brasileira estar muito intelligente; mas estar tambem muito preguiça. Passa vida no rua do Ouvidor a falla de politica, pensa só de politica de manhã até á noite. Brasileira quer estar deputada, juiz de paz, vereador... Vereador ganha dinheira?

PHILOMENA.— Não, senhor; é um cargo gratuito.

MR. JAMES.— Então mim não sabe como tudo quer ser vereador. Senhorra já falla com sua marida a respeito de minha projecta?

PHILOMENA.— Não, senhor, mas hei de fallar-lhe.

MR. JAMES.— Sua marida estar engenheira ou agricultor?

BEATRIZ.— Papai é doutor em direito.

MR. JAMES.— E ministra de imperio?

BEATRIZ.— Tambem doutor em direito.

MR. JAMES.— Ministra d'estrangeiras?

PHILOMENA.— Doutor em direito.

MR. JAMES.— How! Toda ministeria estar doutor em direita?

BEATRIZ.— Sim, senhor.

MR. JAMES.— Na escola de doutor em direita estuda marinha, aprende planta batatas e café, e sabe todas essas cousas de guerra?

PHILOMENA.— Não, senhor.

BEATRIZ.— Estudão-se leis.

MR. JAMES.— No Brazil estar tudo doutor em direita. Paiz no indireita assim. Mim não sabe se estar incommodando senhora. (*Sentão-se.*)

BEATRIZ.— Oh! o senhor nunca nos incomoda, dá-nos sempre muito prazer.

MR. JAMES.— Pois mim tem tambem muito prazer em conversa com vosmecê (*para Beatriz*); pois eu gosta muito de brasileiras.

BEATRIZ.— Mas as inglezas são *very beautiful*. Eu vi em Londres, no *Hyde-Park*, verdadeiras formosuras.

MR. JAMES.— Oh! yes Inglezas estar muito bonitas, mas brasileira tem mais... tem mais... Como chama este palavra... Eu tem no ponta da lingua... Brasileira tem mais pasquin.

PHILOMENA.— Pasquin?!

MR. JAMES.— No, no, como chama este graça de brasileira?

BEATRIZ.— Ah! quindins.

MR. JAMES.— Oh! yes, very well. Quindins.

PHILOMENA.— Muito bem, Mr. James. Falta agora que o senhor confirme o que acaba de dizer casando-se com uma brasileira.

MR. JAMES.— Mim no pode casa, por ora, porque só tem cincoenta mil libras sterlinas; mas se mim arranja este privilegia, dá palavra que fica em Brazil e casa com brasileira.

PHILOMENA.— Pelo que vejo já está enfeitado pelos quindins de alguma?

MR. JAMES.— Não duvida, senhora, e crê que feitiça não estar muito longe d'aqui. (*Olha significativamente para Beatriz.*)

BEATRIZ.— (*A' parte.*) Isto já eu sabia.

PHILOMENA.— (*A' parte.*) E' a sorte grande!

SCENA V

Os mesmos e BRITO

BRITO.— (*Vendo o relógio.*) Ainda nada. Oh! Mr. James. Como está?

MR. JAMES.— Criada de S. Ex. (*Conversa com Beatriz.*)

PHILOMENA.— (*Levando Brito para um lado.*) Este inglez possui uma fortuna de mais de quinhentos contos, parece gostar de Beatriz... Se nós soubermos leval-o, poderemos fazer a felicidade da menina.

BRITO.— E o que queres que faça?

PHILOMENA.— Que lhe concedas o privilegio que el le pede.

BRITO.— Mas, senhora, estas questões não dependem só de mim. Eu não quero comprometter-me.

PHILOMENA.— Então para que te serve ser presidente do conselho?

BRITO.— Mas eu não posso nem devo dispôr das cousas do estado para arranjos de familia. A senhora já me indvidou e quer agora desacreditar-me!

PHILOMENA.— Pois isto ha de se fazer. Mr. James, meu marido quer conversar com o senhor a respeito do seu negocio.

BRITO.— Estarei ás suas ordens, Sr. James; porém um pouco mais tarde. Espero os meus collegas...

MR. JAMES.— A que horas mim póde procura S. Ex.?

BRITO.— A's duas horas.

MR. JAMES.— Até logo. (*Comprimenta e sae.*)

SCENA VI

Os mesmos, menos MR. JAMES

BRITO.— A senhora ainda ha de comprometter-me. (*Sae.*)

PHILOMENA.— Dizem todos que é um projecto grandioso.

BEATRIZ.— Vou acabar a leitura deste romance.

PHILOMENA.— Eu vou dar as ordens para a partida desta noite.

SCENA VII

D. BARBARA, CRIADO e o desembargador FRANCISCO COELHO

CRIADO.— S. Ex. não está em casa.

COELHO.— Quero fallar com as senhoras. Aqui tem o meu cartão. (*Criado comprimenta e sae.*)

D. BARBARA.— Está em casa com toda a certeza; mas negou-se.

COELHO.— Isto sei eu; e por isso é que entrei.

D. BARBARA.— Eu não devia vir. Estas sirigaitas aborrecem-me extraordinariamente.

COELHO.— Mas, minha filha, tu pensas que em politica a gente sóbe unicamente por seus bellos olhos? Não sou rico, já estou velho, não tenho pai alcaide, se deixar fugir as occasiões, quando serei ministro?

D. BARBARA.— E para que você quer ser ministro, seu Chico!

COELHO.— Ora, tens ás vezes certas perguntas? Para que? Para governar, para fazer o que os outros fazem.

D. BARBARA.— Você não tem sabido governar a fazenda, e quer governar o estado!

COELHO.— A senhora não entende destas cousas.

D. BARBARA.— Ora, diga cá! supponha que você é nomeado ministro.

COELHO.— Sim, senhora.

BARBARA.— Perde a cadeira na camara. Tem de sujeitar-se a uma nova eleição...

COELHO.— E o que tem isto?

D. BARBARA.— O que tem?! E' que se você cahir nesta asneira, seu Chico, toma uma derrota, tão certo como eu chamar-me Barbara Bemvinha da Purificação Coelho.

COELHO.— Eu, ministro, derrotado?

D. BARBARA.— E porque não? Você é melhor do que os outros?

SCENA VIII

Os mesmos, RAUL, BEATRIZ e PHILOMENA

RAUL.— Sr. desembargador.

COELHO.— Sr. doutor.

RAUL.— Minha senhora.

PHILOMENA.— Fiz-lhe esperar muito?

BEATRIZ.— (Para Raul.) Não sabia que estava também aqui.

COELHO.— O conselheiro não está em casa?

PHILOMENA.— Está no seu gabinete.

D. BARBARA.— (Baixo.) O que te dizia eu?

PHILOMENA.— Quer fallar-lhe?

COELHO.— Se fôsse possível...

PHILOMENA.— Entre.

COELHO.— Com licença. (Sae.)

SCENA IX

RAUL, BEATRIZ, D. BARBARA e PHILOMENA

D. BARBARA.— Como vão os seus pequenos?

PHILOMENA.— O Chiquinho vae bem; a Rosinha é que tem passado mal.

BEATRIZ.— (A Raul.) Porque não tem apparecido?

RAUL.— Sabe que o meu desejo era viver sempre a seu lado.

BEATRIZ.— Está nas suas mãos.

RAUL.— Se fôsse possível...

D. BARBARA.— Quem sabe se ella não soffre de vermes?

PHILOMENA.— O proprio medico não sabe o que é. Sente umas cousas que sobem e descem; ás vezes fica meia apatetada.

D. BARBARA.— Querem ver que é máo olhado!

PHILOMENA.— Ora, a senhora acredita nessas cousas?!

D. BARBARA.— E' porque a senhora ainda não vio o que eu presenciei com estes que a terra ha de comer.

PHILOMENA.— Ah! ah! ah! O senhor crê em máo olhado, Sr. Raul?

RAUL.— Não, minha senhora; apenas no bom olhado de uns olhos feiticeiros. (Olha para Beatriz significativamente.)

D. BARBARA.— Pois eu vi lá em Minas uma creatura, que estava bem atacada. E em dez minutos ficou boa.

PHILOMENA.— Com a homeopathia?

D. BARBARA.— Com uma oração.

PHILOMENA.— Ah! E como é esta oração?!

D. BARBARA.— A mulher chamava-se Francisca. Molhárao um ramo de arruda em agua benta e rezarão-lhe o seguinte: « Francisca se tens máo olhado, ou olhos atravessados, eu te benzo em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. Deos te olhe e Deos te desolhe, e Deos te tire esse máo olhado, que entre a carne e os ossos tens criado; que saia do tutano e vá para os ossos, que saia dos ossos e vá para a carne, que saia da carne e vá para a pelle, e que d'ahi saia, e vá para o rio Jordão, onde não faça mal a nenhum christão. » E' infallivel. Experimente.

BEATRIZ.— (Baixo a Raul.) Quelle bêtise.

RAUL.— Não acredita na influencia dos olhos?

BEATRIZ.— Sim; mas não creio na efficacia daquellas orações.

RAUL.— E sabe ler nelles?

BEATRIZ.— *Quelque chose.*

RAUL.— O que lhe dizem os meus?

BEATRIZ.— Que o senhor é um grande bandoleiro.

RAUL.— Não, não é isto o que elles dizem.

BEATRIZ.— O que dizem então? *Voyons.*

RAUL.— Que aqui dentro ha um coração que pulsa pela senhora e só para a senhora.

BEATRIZ.— *Non lo credo.*

RAUL.— D. Beatriz, se estivesse em condições de fazel-a

feliz, hoje mesmo dirigia-me a seu pai, e pedia-lhe o que mais ambicioso neste mundo — a sua mão.

BEATRIZ.— E o que lhe falta para tornar-me feliz?

RAUL.— Uma posição social.

BEATRIZ.— O senhor não é bacharel em direito?

RAUL.— E' verdade.

BEATRIZ.— *Alors...*

RAUL.— Porém, se o ser bacharel em direito fôsse um emprego, haveria muito pouca gente desempregada no Brazil. Seu pai está hoje no governo, poderia lançar as suas vistas sobre mim... Como seríamos felizes um ao lado do outro.

BEATRIZ.— Eu vou fallar com mamãi. Communicar-lhe-hei as suas intenções a meu respeito, e dar-lhe-hei a resposta.

RAUL.— Advogue bem a minha causa, ou antes a nossa causa.

BEATRIZ.— Sim. (*A' parte.*) E eu que o julgava desinteressado. Oh! *les hommes! les hommes!*

PHILOMENA.— Porque não veio á nossa ultima partida, Sr. Raul?

BEATRIZ.— (*Para Raul.*) Dansamos um *cotillon* que durou quasi duas horas.

RAUL.— Quem marcava?

BEATRIZ.— O ministro da Belgica. Oh! *que j'aime le cotillon.*

D. BARBARA.— O que vem a ser isto de *cotião*.

BEATRIZ.— Uma dansa arrebatadora.

SCENA X

Os mesmos e COELHO

COELHO.— (*Zangado.*) Vamos embora.

PHILOMENA.— Já?!

D. BARBARA.— (*Baixo a Coelho.*) Então; o que arran-gaste?

COELHO.— (*Baixo.*) O que arranjei?! Nada; mas elle

arranjou uma opposição de arrancar couro e cabello. Hei de mostrar-lhe o que valho. Estão aqui, estão na rua.

D. BARBARA.— (*Baixo.*) Bem feito.

COELHO.— (*Baixo.*) Vamos embora.

PHILOMENA.— (*Para Coelho e Barbara, que se despedem*) Espero que appareção mais vezes.

COELHO.— Obrigado, minha senhora. (*Saem.*)

RAUL.— Ha de permittir-me tambem...

PHILOMENA.— Então até á noite.

RAUL.— Até á noite. (*Sae.*)

SCENA XI

PHILOMENA e BEATRIZ

BEATRIZ.— O Sr. Raul acaba agora mesmo de pedir-me a mão.

PHILOMENA.— Agora mesmo?

BEATRIZ.— Mas sob uma condição.

PHILOMENA.— Qual é?

BEATRIZ.— De arranjar-lhe com papai um emprego. Veja só a senhora o que são os homens de hoje!

PHILOMENA.— E que lhe respondeste?

BEATRIZ.— Que havia de fallar com Vmc. e que dar-lhe-hia depois a resposta.

PHILOMENA.— Muito bem. Não lhe digas nada, por ora, enquanto não se decidir o negocio do inglez. Tenho mais fé em Mr. James. Aquillo é que se póde chamar um bom partido.

BEATRIZ.— E elle quererá casar commigo?

PHILOMENA.— Ora, não quer elle outra cousa.

SCENA XII

CRIADO, MINISTRO DA GUERRA, MINISTRO DA JUSTIÇA, MINISTRO DO IMPERIO, MINISTRO DE ESTRANGEIROS, PHILOMENA e BEATRIZ

CRIADO.— (*Na porta.*) S. Ex. o Sr. ministro da guerra.

MINISTRO DA GUERRA.— Minhas senhoras. (*Comprimenta Beatriz.*)

PHILOMENA.— (*Para o criado.*) Vá chamar seu amo. (*O criado sae pela porta da esquerda.*)

BEATRIZ.— Como está sua senhora?

MINISTRO DA GUERRA.— Bem, obrigado, minha senhora.

PHILOMENA.— (*Despedindo-se.*) Com licença. (*Sae com Beatriz.*)

SCENA XIII

Os mesmos e BRITO, menos PHILOMENA e BEATRIZ

BRITO.— Meu caro conselheiro. Os outros collegas ainda não vierão?

MINISTRO DA GUERRA.— Ahi está o ministro da justiça.

MINISTRO DA JUSTIÇA.— Conselheiro...

MINISTRO DA GUERRA.— E do imperio. (*Entra o ministro do imperio.*)

MINISTRO DA JUSTIÇA.— O nosso collega de estrangeiros ahi vem.

BRITO.— Eil-o. (*Entra o ministro de estrangeiros.*) Meus senhores precisamos conjurar sériamente as difficuldades que nos cercão.

MINISTRO DA GUERRA.— Apoiado.

BRITO.— Ha quinze dias apenas que subimos ao poder, e já se notão muitos claros nas fileiras da maioria.

MINISTRO DA JUSTIÇA.— A opposição se engrossa a olhos vistos.

BRITO.— Agora mesmo acaba de sahir d'aqui o desembargador Coelho. E' mais um descontente que passa para o outro lado.

MINISTRO DA JUSTIÇA.— O Coelho? Ainda hontem, pôde-se dizer, aspirava a ser o *leader* da maioria.

BRITO.— E' verdade! Porém suspira por uma pasta, e nas circumstancias actuaes não é possível.

SCENA XIV

O CRIADO, BRITO, MINISTRO DA GUERRA, MINISTRO DA JUSTIÇA, MINISTRO DO IMPERIO, MINISTRO DE ESTRANGEIROS, CONSELHEIRO FELIZARDO e DR. MONTEIRINHO

CRIADO.— (*A' parte.*) O Sr. conselheiro Felizardo.

BRITO.— Oh! Sr. conselheiro. (*Comprimentão-se todos.*) Esperava anciosamente por V. Ex.

FELIZARDO.— Estou ás ordens de V. Ex.

BRITO.— O seu nome, o prestigio de que goza, a sua dedicação ás idéas dominantes, são titulos que muito o habilitão.

FELIZARDO.— Bondade de meus co-religionarios.

MINISTRO DO IMPERIO.— Pura justiça.

BRITO.— Precisamos do apoio de V. Ex., como do ar que respiramos. A pasta da marinha ainda está vaga...

FELIZARDO.— Já estou velho...

BRITO.— Não nos animamos a offerecel-a. Longe de nós semelhante pensamento! O lugar de V. Ex. é na presidencia do conselho.

FELIZARDO.— Se VV. EEx. permittem, dou um homem por mim.

MINISTRO DO IMPERIO.— Basta ser de sua confiança...

BRITO.— Para ser recebido de braços abertos.

FELIZARDO.— (*Apresentando o Dr. Monteirinho.*) Aqui está o homem, o Dr. Monteiro, meu sobrinho, filho de minha irmã Maria José; e que acaba de chegar da Europa, razão pela qual ainda não tomou assento na camara.

BRITO.— (*Admirado.*) Sr. doutor, folgo muito de conhecê-lo. (*Baixo a Felizardo.*) Acho-o, porém, tão mocinho.

FELIZARDO.— Formou-se o anno passado em São Paulo. (*Baixo.*) Que intelligencia, meu amigo!

DR. MONTEIRINHO.— Sahi apenas dos bancos da academia, é verdade, meus senhores; mas tenho procurado estudar com afinco todas as grandes questões sociaes, que se agitação actualmente. A minha penna já é conhecida no

jornalismo diário e nas revistas scientificas. Na polemica, nas questões litterarias, nos debates politicos, nas diversas manifestações, emfim, da actividade intellectual, tenho feito o possível por crear um nome.

FELIZARDO.— (*Baixo.*) E' muito habil.

BRITO.— (*Baixo.*) E' verdade.

FELIZARDO.— (*Baixo.*) E' um canario.

DR. MONTEIRINHO.— Se não fôsem as influencias mezo-logicas assaz acanhadas, em que vivem nesta terra as intelligencias que procurão abrir a corolla aos raios ardentes da luz, eu já teria talvez apparecido, a despeito dos meus verdes annos.

BRITO.— (*Baixo, a Felizardo.*) Que idade tem?

FELIZARDO.— Que idade tens, Cazuzza?

DR. MONTEIRINHO.— Vinte e dois annos.

MINISTRO DA JUSTIÇA.— O Sr. Dr. Monteiro não é...

FELIZARDO.— Chame-o Dr. Monteiroinho. E' o nome por que elle é conhecido.

MINISTRO DA JUSTIÇA.— O Dr. Monteiroinho não é o autor da celebre poesia — *O grito da escravidão*, que veio publicada no *Correio Paulistano*?

DR. MONTEIRINHO.— E que foi transcripta em todos os jornaes do imperio. Um seu criado. Já cultivei a poesia em tempos que lá vão. Hoje, em vez de tanger a lyra chlorotica do romantismo ou de dedilhar as cordas, afinadas ao sabor moderno, dos poetas realistas, leio Spencer, Schopenhauer, Bückner, Littré, todos esses grandes vultos, que constituem o apostolado das sociedades modernas.

FELIZARDO.— (*Baixo, a Brito.*) Este rapaz vae fazer um figurão no ministerio.

BRITO.— Creio. Terá, porém, elle a experiencia dos negocios publicos?

FELIZARDO.— Não lhe dê cuidado. Fica sob as minhas vistas: eu saberei guial-o.

DR. MONTEIRINHO.— A grande naturalisação é uma das questões actuaes mais importantes para o Brazil.

BRITO.— Podemos contar, portanto, com o apoio decidido de V. Ex.

FELIZARDO.— Se até aqui eu quebrava lanças por este ministerio...

BRITO.— Lá isso é verdade.

FELIZARDO.— Imagine agora... (*Olhando para Monteiroinho.*) O meu Cazuzinha!

DR. MONTEIRINHO.— E a questão das terras? Já ierão a *Questão Irlandeza*, de Henry George? E' um livro admiravelmente escripto. Um livro do futuro!

BRITO.— Sr. Dr. Monteiroinho, temos a honra de considerar V. Ex. no numero dos nossos collegas.

DR. MONTEIRINHO.— Oh! Sr. conselheiro.

FELIZARDO.— Cazuzza, faz por seguir o caminho de teu tio. Vou correndo para a casa. Que alegria vae ter a Maria José. (*Sac.*)

SCENA XV

Os mesmos, e JAMES, menos FELIZARDO

BRITO.— Vamos para o gabinete.

MR. JAMES.— (*Apparecendo na porta.*) Duas horas em ponta.

BRITO.— (*A' parte.*) Que maçada. Não me lembrava mais delle. (*James entra. Alto.*) Meus senhores, apresento-lhes Mr. James, que requer um privilegio que parece ser de grande utilidade.

DR. MONTEIRINHO.— Vejamos.

MR. JAMES.— (*Desenrolando o papel e mostrando.*) Aqui tem, senhoras.

DR. MONTEIRINHO.— O que vem a ser isto?

BRITO.— Uma estrada especial para o Corcovado.

MR. JAMES.— Machinisma estar muito simples. Em vez de duas trilhas, ou de trez trilhas, como tem systema adoptada, mim colloca uma só trilha larga, de meu invenção.

DR. MONTEIRINHO.— E' bitola estreita?

MR. JAMES.— Oh! estreitissima! E' bitola zéro.

DR. MONTEIRINHO.— E como se sustem o carro?

MR. JAMES.— Perfeitamente bem.

DR. MONTEIRINHO.— O systema parece ser facilimo.

MR. JAMES.— E estar muito economica, senhorr.

MINISTRO DA JUSTIÇA.— Mas não vejo machina, vejo apenas cachorros. O que quer dizer isto?

MR. JAMES.— Ah! é que está tuda.

BRITO.— Não comprehendo. Tenha a bondade de explicar-me.

MR. JAMES.— Idéa estar aqui completamente nova. Mim quer adopta systema cynophero. Quer dizer que trem sóbe puxada por cachorras.

DR. MONTEIRINHO.— Não era precisa a explicação. Nós todos sabemos que cynophero vem do grego *cynos*, que quer dizer cão, e *feren*, que significa puxar, etc.

JAMES.— Muito bem, senhorr.

DR. MONTEIRINHO.— Agora o que se quer saber é como é que os cachorros puxão.

MR. JAMES.— Cachorra propriamente no puxa. Roda é ôca. Cachorra fica dentro de roda. Ora, cachorra dentro de roda, no póde estar parada. Roda ganha impulsa, quanto mais cachorra meche, mais o roda caminha!

DR. MONTEIRINHO.— E de quantos cachorros precisa o senhor para o trafico dos trens diarios do Cosme Velho ao Corcovado?

MR. JAMES.— Mim precisa de força de cincoenta cachorras por trem; mas deve muda cachorra em todas as viagens.

MINISTRO DA JUSTIÇA.— Santo Deos! E' preciso uma cachorrada enorme.

MR. JAMES.— Mas eu aproveita todas as cachorras d'aqui e faz vir ainda muitas cachorras de Inglaterra.

BRITO.— Mas se estes animaes fôrem atacados de hydrophobia não ha perigo para os passageiros?

DR. MONTEIRINHO.— Eu entendo que não se póde conceder este privilegio, sem se ouvir primeiro a junta de hygiene.

MR. JAMES.— Oh! senhorr, não tem a menor periga. Se cachorra estar damnada, estar ainda melhor, porque faz mais esforço e trem tem mais velocidade.

BRITO.— Em resumo, qual é a sua pretensão?

MR. JAMES.— Mim quer privilegia para introduzir minha systema em Brazil, e estabelecer primeira linha em Corcovada, com todas as favores de lei de Brazil para empreza de caminha de ferro.

BRITO.— Mas o cachorro não está ainda classificado, como motor, na nossa legislação de caminhos de ferro...

DR. MONTEIRINHO.— Neste caso deve levar-se a questão ao poder legislativo.

BRITO.— Está bem: nós vamos ver e resolveremos como fôr de justiça.

MR. JAMES.— Em quanto tempa decide este negocia?

DR. MONTEIRINHO.— Vamos resolver.

MINISTRO DO IMPERIO.— Ten! a paciencia, espere.

BRITO.— A's suas ordens. (*Despede-se, os outros despedem-se de James e saem pela esquerda.*)

SCENA XVI

JAMES (só)

MR. JAMES.— Tem paciencia, espera! systema de brasileira. *Times is money.* Eu falla com mulher, e arranja tuda. (*Sae.*)

SCENA XVII

BEATRIZ e depois PHILIPPE

BEATRIZ.— Vejamos se aqui posso concluir socegada a leitura deste romance. (*Lê.*)

PHILIPPE.— Ella?! oh! Eu atiro-me e confesso tudo. Ora adeos! (*Tropeça em uma cadeira.*)

BEATRIZ.— (*Revolvendo-se.*) Quem é?

PHILIPPE.— Philippe Flecha, um criado de V. Ex. Sou *reporter*.

BEATRIZ.— Papai está agora em conselho com os outros ministros.

PHILIPPE.— Como é bella! (*Beatriz continúa a ler.*)

BEATRIZ.— (*A' parte.*) Este estafermo pretenderá ficar aqui. Que *bruta faccia*.

PHILIPPE.— Eu atiro-me-lhe aos pés. Coragem! (*Enca-minha-se para Beatriz.*)

BEATRIZ.— Quer alguma cousa?

PHILIPPE.— (*Tirando uma carteira.*) O Sr. seu pai onde nasceu, minha senhora?

BEATRIZ.— No Pará.

PHILIPPE.— (*Escrevendo na carteira.*) Onde formou-se?

BEATRIZ.— Em Pernambuco.

PHILIPPE.— (*Escrevendo.*) Que empregos tem exercido? Que condecorações tem?

BEATRIZ.— Mas para que o senhor quer saber tudo isto? *Oh! qu'il est drole!*

PHILIPPE.— E' que quando elle morrer a noticia para o jornal já está prompta. (*A' parte.*) Oh! que diabo de asneira!

BEATRIZ.— O senhor está doido?

PHILIPPE.— (*Ajoelhando-se.*) Sim, doido, minha senhora, doido varrido. Quando a vi pela primeira vez foi no Castellões. A senhora comia uma empada... (*Beatriz procura tocar a campainha.*) O que vae fazer?

BEATRIZ.— Chamar alguem para pol-o d'aqui para fóra.

PHILIPPE.— Pelo amor de Deos, não faça escandalo. (*Levantando-se.*) Eu vou, eu vou, mas creia que ninguem no mundo a idolatra como eu! (*Sae olhando amorosamente para Beatriz.*)

BEATRIZ.— Pobre louco! Mas este ao menos não me fallou em emprego nem em privilegio! (*Senta-se e continúa a leitura.*)

CAE O PANNO

Acto III

Sala de espera em casa do conselheiro Brito

SCENA I

BRITO e PHILOMENA

PHILOMENA.— Podias ter decidido o negocio perfeitamente sem leval-o ás camaras.

BRITO.— Como?

PHILOMENA.— Como? Collocassem-me na presidencia do conselho, que eu te mostraria.

BRITO.— Mas, Philomena, tu não sabes que se tratava de uma especie completamente nova, que o governo...

PHILOMENA.— Tanto melhor! Se a especie era completamente nova, o governo devia resolver por si, e não abrir o máo precedente de consultar a camara.

BRITO.— Olha, queres saber de uma cousa? Eu merecia que me vestissem uma camisola de força, por me haver mettido em semelhante entrosga.

PHILOMENA.— Ora, qual entrosga! O negocio era muito simples. Tratava-se de uma estrada para o Corcovado...

BRITO.— Mas de uma estrada especial, com carros movidos por cachorros...

PHILOMENA.— E o que tem os cachorros?

BRITO.— E' que levantou-se a duvida se o cachorro podia ser considerado motor, se a estrada estava nas condições da lei.

PHILOMENA.— Pois eu presidente do conselho cortava a duvida, dizendo — o cachorro é motor, e concedia o privilegio.

BRITO.— Tu não entendes destas cousas.

PHILOMENA.— E o que se lucrou em consultar á camara? Em assanhar a opposição, e formar no seio do parlamento dois partidos, o dos cochorros e o dos que se batem, como leões, contra os caehorros.

BRITO.— E que partidos!

PHILOMENA.— E lá se vae o privilegio, falto á palavra que dei ao inglez, e o casamento da menina, vispora!

BRITO.— Mas o que queres que faça?

PHILOMENA.— Que envides todos os esforços para que o projecto passe! Hoje é a ultima discussão...

BRITO.— E o ultimo dia talvez do ministerio.

PHILOMENA.— Quaes são os deputados que votão contra?

BRITO.— Uma infinidade.

PHILOMENA.— O Eloy é cachorro?

BRITO.— Sim, senhora.

PHILOMENA.— O Azambuja?

BRITO.— Cachorro.

PHILOMENA.— O Pereira da Rocha?

BRITO.— Este é de fila.

PHILOMENA.— O Vicente Coelho?

BRITO.— Era cachorro; mas passou ante-hontem para o outro lado.

PHILOMENA.— E o Barbosa?

BRITO.— Está assim, assim. Talvez passe hoje para cachorro.

PHILOMENA.— Ah! que se as mulheres tivessem direitos politicos e pudessem representar o paiz...

BRITO.— O que fazias?

PHILOMENA.— O privilegio havia de passar, custasse o que custasse. Eu é que devia estar no teu lugar, e tu no meu. E's um mingão, não nasceste para a luta.

BRITO.— Mas com a breca! Queres que faça questão de gabinete?

PHILOMENA.— Quero que faças tudo, comtanto que o privilegio seja concedido.

BRITO.— *(Resoluto.)* Pois bem; farei questão de gabinete, e assim fico livre mais depressa desta maldita tunica de Nessus.

SCENA II

Os mesmos e o DR. MONTEIRINHO

DR. MONTEIRINHO.— *(Comprimentando Philomena.)* Mi-

nha senhora. *(Para Brito.)* Vamos para a camara, conselheiro. E' hoje a grande batalha.

BRITO.— Estou ás suas ordens.

DR. MONTEIRINHO.— Havemos de vencer, custe o que custar.

PHILOMENA.— Dr. Monteiroinho, empregue todo o fogo de sua palavra.

DR. MONTEIRINHO.— Fique descansada, minha senhora. Levo o meu discurso na ponta da lingua. Hei de tratar a parte technica, sobretudo, com o maior cuidado. Na discussão deste projecto ou conquisto os fóros de estadista, ou caio para nunca mais erguer a frente.

PHILOMENA.— Bravo! Bravo!

BRITO.— Vamos, conselheiro, são horas.

PHILOMENA.— *(Para Brito.)* Vae. Que Deos te inspire. *(Saem Monteiro e Brito.)*

SCENA III

PHILOMENA e BEATRIZ

PHILOMENA.— Que boa madrugada! Onze horas!

BEATRIZ.— *(Beijando Philomena.)* Não posso acordar-me cedo, por mais esforços que faça. Vmc. não sae hoje?

PHILOMENA.— Não. Estou muito nervosa.

BEATRIZ.— E' mais uma razão para sahir.

PHILOMENA.— Se cae o projecto e com elle o ministerio...

BEATRIZ.— Estamos arrançadas.

PHILOMENA.— Lá se vae o inglez.

BEATRIZ.— E o Sr. Raul tambem. *(A' parte.)* Se ao menos aquelle pobre doido que offereceu-me o coração... *(Alto.)* Ora, será o que Deos quizer. *(Mirando-se ao espelho, canta.)*

La donna é mobile

Qual piuma al vento.

Muta d'accento

E di pensiero.

O paquete francez deve chegar hoje?

PHILOMENA.— Creio que sim.

BEATRIZ.— Estou anciosa por ver os vestidos de verão que encommendámos.

SCENA IV

BEATRIZ, PHILOMENA e CRIADO

CRIADO.— (*Com uma gaiola com papagaio.*) Veio da parte do Sr. Tinoco, com esta carta. (*Entrega a carta a Philomena.*)

PHILOMENA.— (*Depois de ler a carta.*) Estes pretendentes entendem que devem encher-me a casa de bichos. Leva para dentro. (*O criado sae.*)

BEATRIZ.— E cousa celebre, pelos presentes pode-se conhecer a que provincia ou a que lugar pertencem os pretendentes. Os do Ceará mandão corruptions, os do Pará, redes, páos de guaraná e macacos de cheiro, os de Pernambuco, cajús seccos e abacaxys, os de S. Paulo, formigas vestidas, figos em calda...

PHILOMENA.— E arapongas. Se o pretendente é do Maranhão, a mulher do ministro não passa sem lenço de labyrintho.

BEATRIZ.— E se é da Bahia, lá vem as quartinhas, o azeite de cheiro e os saguis.

PHILOMENA.— Os do Rio-Grande do Sul exprimem a gratidão com linguas salgadas e origones.

BEATRIZ.— E os de Minas com queijos e rolos de fumo. Mas, coitados! muito soffrem! Só a lida em que elles vivem — Venha hoje, venha amanhã, espere um pouco, agora não é possível!

PHILOMENA.— E' para admirar que a esta hora já não esteja a sala cheia delles.

BEATRIZ.— E' verdade.

SCENA V

PHILOMENA, BEATRIZ e D. BARBARA

D. BARBARA.— Desculpe-me se fui entrando sem annuncio prévio.

PHILOMENA.— A Sra. D. Barbara é sempre recebida com prazer a qualquer hora.

D. BARBARA.— E é por saber disto que vim vel-a, apesar do que se tem passado.

PHILOMENA.— Creio que entre nós nada se tem passado que possa porventura interromper, sequer de leve, as nossas relações amistosas.

D. BARBARA.— Quero dizer do que se tem passado entre os nossos maridos.

PHILOMENA.— Tambem não sei o que possa ter havido entre elles. Pertencem ao mesmo credo politico, ainda hontem para bem dizer, erão amigos...

D. BARBARA.— (*A' parte.*) Se não digo na bochecha desta emproada tudo quanto sinto, estouro. (*Alto.*) Erão amigos, é verdade, porém... meu marido tem razões especiaes... Elle está na camara cumprindo o seu dever.

PHILOMENA.— Faz muito bem.

D. BARBARA.— Não é hoje que se discute um celebre privilegio de uma estrada para o Corcovado?

PHILOMENA.— Creio que sim.

D. BARBARA.— Não sabia; passando por acaso pela rua do Ouvidor...

BEATRIZ.— Como é fingida esta *vecchia strega!*

D. BARBARA.— Ouvi os garotos apregoarem a *Gazeta da Tarde*, traz a noticia da grande patota dos cachorros! E por entre os grupos dos individuos que conversavão, no ponto dos *bonds*, pude distinguir estas phrases, cujo sentido não comprehendi bem: Arranjos de familia, ministro patoteiro, casamento da filha com o inglez...

PHILOMENA.— E' verdade, minha senhora; mas o que não sabe é que por entre aquelles grupos estava a mulher despeitada de um ministro gorado, e que era esta a que mais gritava.

D. BARBARA.— Um ministro gorado?!

BEATRIZ.— Sim. *Un ministre manqué.*

D. BARBARA.— (*Para Beatriz.*) Minha senhora, tenha a bondade de fallar em portuguez, se quer que a entenda.

PHILOMENA.— Eu fallarei portuguez claro. O ministro gorado é...

BEATRIZ.— Seu marido... *voila tout.*

PHILOMENA.— E a mulher despeitada...

D. BARBARA.— Sou eu ?!

BEATRIZ.— *Sans doute.*

D. BARBARA.— (*A' parte.*) Eu arrebento. (*Alto.*) Pois já que as senhoras são tão positivas dir-lhes-hei que meu marido nunca teve a idéa de fazer parte de semelhante ministerio. Elle é um homem de muito bom senso e sobretudo de muita probidade.

PHILOMENA.— Observo á senhora que estou em minha casa.

BEATRIZ.— (*A' parte.*) *C'est incroyable! Dreadful.*

D. BARBARA.— Foi a senhora a primeira que esqueceu esta circumstancia.

PHILOMENA.— Não me obrigue...

D. BARBARA.— Eu retiro-me para nunca mais pôr os pés aqui.

PHILOMENA.— Estimo muito.

D. BARBARA.— E fique sabendo que o Chico...

PHILOMENA.— (*Com dignidade.*) Minha senhora. (*Comprimenta e sae.*)

BEATRIZ.— *Au revoir.* (*Sae.*)

D. BARBARA.— Emproada, serigaita, patoteira! Hei de tomar uma desforra. (*Sae zangada.*)

SCENA VI

PEREIRA, IGNACIO, ARRUDA, RIBEIRO, AZAMBUJA, mais pessoas e o CRIADO

CRIADO.— S. Ex. não está. Os senhores que quizerem esperar podem ficar nesta sala.

PEREIRA.— O homem está em casa.

IGNACIO.— Eu cá hei de fallar-lhe hoje, por força, haja o que houver.

ARRUDA.— E eu tambem. Só se elle não passar por aqui.

RIBEIRO.— O que é bem possivel, porque a casa tem sahida para outra rua.

AZAMBUJA.— Ha quatro mezes que ando neste inferno.

RIBEIRO.— Console-se commigo, que ando pretendendo um lugar ha cinco annos, e ainda não m'o derão.

ARRUDA.— Ha cinco annos ?!

RIBEIRO.— Sim, senhor.

AZAMBUJA.— E tem esperanças de obtel-o ?

RIBEIRO.— Olé! Já atravessei seis ministerios. Venho aqui duas vezes por dia.

IGNACIO.— E eu que vim dos confins do Amazonas; e aqui estou ha seis mezes a fazer despezas, hospedado na casa do Eiras, com uma numerosa familia, composta de mulher, seis filhos, duas cunhadas, trez escravas, quatorze canastras, um papagaio e um corrução!

SCENA VI

Os mesmos e ERNESTO

ERNESTO.— Meus senhores.

PEREIRA.— Oh! Sr. Ernesto!

ERNESTO.— Como está, Sr. Pereira?

PEREIRA.— O seu negocio? Ainda nada?

ERNESTO.— Qual! Trago agora aqui uma carta... Vamos ver se com esta arranjo o que quero. E' de um deputado mineiro governista.

PEREIRA.— E' bom empenho?

ERNESTO.— Quem me arranjou foi um negociante da rua dos Benedictinos, em cuja casa acha-se hospedado o tal deputado.

RIBEIRO.— Meu amigo, vá á fonte limpa, procure um deputado da opposição e digo-lhe desde já que está servido.

ERNESTO.— Muito se soffre!

AZAMBUJA.— E' verdade!

SCENA VII

Os mesmos e PHILIPPE

PHILIPPE.— Adeos, Sr. Ernesto.

ERNESTO.— Adeos, Philippe.

PHILIPPE.— Ainda perde seu tempo em vir por aqui?

ERNESTO.— Porque?

PHILIPPE.— Porque o ministerio está morto!

PEREIRA.— Cahio?!

PHILIPPE.— A esta hora já deve ter cahido. A rua do Ouvidor está assim. (*Fechando a mão.*) Não se pôde entrar na camara. Ha gente nas galerias como terra.

ERNESTO.— O partido dos cachorros está bravo?

PHILIPPE.— Os cachorros?! Estão damnados! A tal estrada não passa, não, mas é o mesmo. O Dr. Monteirinho levantou-se para fallar...

ERNESTO.— Ah! Elle fallou hoje?

PHILIPPE.— Qual! Não pôde dizer uma palavra? Rompeu uma vaia das galerias, mas uma vaia de tal ordem, que foi preciso entrar a força armada na camara.

PEREIRA.— Lá se vae o meu lugar da alfandega.

AZAMBUJA.— E o meu.

RIBEIRO.— E o meu.

PHILIPPE.— (*Levando Ernesto para um lado.*) Ainda não a vi hoje.

ERNESTO.— Mas é verdade tudo isto?

PHILIPPE.— Como é bella!

ERNESTO.— Com os diabos! que transtorno!

PHILIPPE.— Quando a vi pela primeira vez foi no Castellos...

ERNESTO.— Comia uma empada, comia uma empada...

PHILIPPE.— E' isso mesmo.

ERNESTO.— Irra! Não me amoles.

PEREIRA.— (*Para Ernesto.*) O senhor quer saber onde está a minha esperança?

ERNESTO.— Onde?

PEREIRA.— (*Tirando um bilhete de loteria do bolso.*) Aqui neste bilhete do Ypiranga.

PHILIPPE.— Eu tambem tenho um. (*Vendo na carteira.*) Querem ver que o perdi! Não, cá está. A esta hora já

deve ter andado a roda. Com a bréca, nem me lembra-

va! (*Olhando para dentro.*) Se pudesse ao menos ver-lhe a pontinha do nariz.

PEREIRA.— Vou ver o que tirei. (*Sae.*)

PHILIPPE.— E eu tambem. Mas qual! sou de um caiporismo horrendo. Adeos, Sr. Ernesto. (*Olhando para todos os lados.*) Onde estará ella!?

SCENA VIII

Os mesmos, menos PEREIRA e PHILIPPE, e Dr. RAUL

ERNESTO.— Esta noticia veio transtornar-me os planos. AZAMBUJA.— Talvez seja mentira.

ERNESTO.— As más novas são sempre verdadeiras.

RAUL.— Ora, vivão, meus senhores!

ERNESTO.— Dr. Raul, o que ha ácerca do ministerio?

RAUL.— Dizem que está em crise.

ERNESTO.— Mas ha esperanças?

RAUL.— Hum...! Não sei. Vejo as cousas muito embrulhadas.

SCENA IX

Os mesmos e Mr. JAMES

RAUL.— Oh! Mr. James! Fazia-o pela camara.

Mr. JAMES.— Mim só sae de casa hoje p'ra vem aqui...

RAUL.— Os negocios estão feios.

Mr. JAMES.— Oh! *Yes*, muito feias.

RIBEIRO.— (*A Ernesto.*) Este é o tal inglez da patóta de que os jornaes fallão hoje?

ERNESTO.— E' o bicho.

Mr. JAMES.— Você quer sabe de uma cousa. Mim estar muito stupide.

RAUL.— Porque?

Mr. JAMES.— Eu já deve saber que este ministeria não pôde dura muito tempo, e mim cae na asneira de faz negocia com elle.

RAUL.— Mas em que se fundava para saber disto?

Mr. JAMES.— Ora escuta vosmincê, presidenta de conselho onde estar nascida?

RAUL.— No Pará.

MR. JAMES.— Ministra de imperio?

RAUL.— Em S. Paulo.

MR. JAMES.— Ministra de justiça?

RAUL.— Creio que é de Piauhy.

MR. JAMES.— No senhor; de Parahyba.

RAUL.— Ou isso.

MR. JAMES.— Ministra de marinha estar de Alagôas, ministra de estrangeiros...

RAUL.— Este é do Paraná.

MR. JAMES.— *Yes.* Ministra de guerra estar de Maranhão, de fazenda, Rio de Janeiro.

RAUL.— Mas o que tem isto?

MR. JAMES.— Não tem uma só ministra de Bahia. E ministeria sem bahiana — estar defunta logo, senhor.

RAUL.— Tem razão.

MR. JAMES.— Bahiana estar gente muito poderosa. Não se póde esquece della.

RAUL.— O ministerio estava fraco, lá isso é verdade.

MR. JAMES.— E tem inda mais; ministra da marinha...

RAUL.— O Dr. Monteirinho?

MR. JAMES.— *Yes.* Ministra da marinha estar muito pequenina.

RAUL.— Muito moço é que o senhor quer dizer?

MR. JAMES.— *All right.* No póde ser estadista e governa paiz logo que sae de escola. E' preciso aprende primeiro, aprende muito, senhor. Todo mundo estar caçoanda, e chama ministra de Cazuzinhe. O senhor sabe dizer o que é Cazuzinhe?

RAUL.— E' um nome de familia.

MR. JAMES.— *How?* Mas familia fica em casa, e no tem nada com ministeria. Vosmecês aqui têm costume de chama homem d'estado de Juquinha, Lulú, Fernandinha. Governa estar muito sem cerimonia.

SCENA X

Os mesmos, BEATRIZ e PHILOMENA

MR. JAMES.— Como está, senhorra?

RAUL.— Minhas senhoras.

PHILOMENA.— Veio da camara?

MR. JAMES.— No senhorra.

PHILOMENA.— Pois não foi lá? No dia em que se deve decidir o seu negocio...

BEATRIZ.— (*A Raul.*) Mamãe ainda não teve tempo de fallar com papai ácerca da sua pretensão.

MR. JAMES.— Meu negocia estar perdida.

PHILOMENA.— Tenho fê que não.

MR. JAMES.— Oh! *yes.*

SCENA XI

Os mesmos e FELIZARDO.

FELIZARDO.— (*Entrando apressado.*) Cahio o ministerio!

PHILOMENA.— Cahio! Ai! falta-me a luz! (*Cae desmaiada em uma cadeira.*)

BEATRIZ.— (*Correndo.*) Mamãe.

RAUL.— D. Philomena!

MR. JAMES.— (*Para todos.*) O' no incommoda! vae passa já.

ERNESTO.— Ora cebo! (*Sae.*)

IGNACIO.— Ora bolas (*Sae.*)

ARRUDA.— Ora pilulas. (*Sae.*)

RIBEIRO.— Ora com os diabos (*Sae.*)

AZAMBUJA.— Ora... (*Sae.*)

MR. JAMES.— (*Vendo Philomena levantar-se.*) Estar prompta; já passou.

FELIZARDO.— E o pobre do Cazuzinha, que tinha tanta cousa que fazer! Tambem lhes digo, que se elle consegue fallar, a despeito das vaías da galeria, o ministerio tinha vida por cinco annos, pelo menos.

RAUL.— Devêras?

FELIZARDO.— E' um rapaz muito habil. O senhor não imagina que discurso tinha elle preparado. Hontem recitou-m'o todo. Sabia-o na ponta da lingua.

RAUL.— Foi uma pena! (*A' parte.*) E lá se foi o meu emprego, que é o que mais sinto.

FELIZARDO.— Como não vae ficar a Maria José quando souber da noticia!

RAUL.— (*A Beatriz.*) Minha senhora; creio estar desligado dos compromissos que contrahi para com V. Ex.

BEATRIZ.— Eu já o sabia; não era preciso m'o dizer. O que o Sr. doutor queria era uma posição social e não a minha mão!

RAUL.— (*A' parte.*) Façamos cara de não ter comprehendido.

SCENA XII

FELIZARDO, RAUL, BEATRIZ, PHILOMENA, MR. JAMES, BRITO e DR. MONTEIRINHO

BRITO. — (*Abraçando Philomena.*) Minha Philomena, tenho necessidade de abraçar-te. Vem cá, Beatriz, abraçame também. (*Beatriz abraça.*) Fôrão vocês que me perderão; mas como isto é bom.

MR. JAMES.— Mim sente muito derrota de V. Ex.; agradece tudo que faz pela minha privilegia, e pede desde já a V. Ex. um apresentação para nova ministeria que tem de subir.

FELIZARDO.— (*Que deve estar abraçado com Monteirinho.*) Ah! Cazuza! não ha gosto perfeito neste mundo!

DR. MONTEIRINHO.— E mamãi, que não teve a ventura de me ver de fardão!

FELIZARDO.— Mas ha de tel-a muito breve; eu te prometto.

SCENA XIII

Os mesmos e CRIADO

CRIADO.— Trouxerão estes jornaes e esta carta. (*Sae.*)

BRITO.— O que será? (*Vendo o sobrescripto da carta, para Philomena.*) E' para ti.

PHILOMENA.— (*Abrindo a carta e lendo.*) « Minha senhora, tenho a honra de enviar a V. Ex. o ultimo numero da *Espada de Damocles*, que acaba de sahir agora mesmo,

e de chamar a attenção de V. Ex. para a noticia, publicada sob o titulo. *A' ultima hora*. Sua veneradora e criada, Barbara Coelho.» (*Fecha a carta.*) Que infame!

BRITO.—Lê. (*Philomena quer rasgar o jornal.*) Lê, eu te rei a coragem de ouvir.

PHILOMENA.—(*Lendo.*) «Cahio finalmente o ministerio das patotas. Parabens aos nossos concidadãos, estamos livres do homem que mais tem sugado os cofres publicos em proveito dos seus afilhados.»

BRITO.— Saio do ministerio mais pobre do que entrei, porque estou crivado de dividas e com a pecha de ladrão!

PHILOMENA.— E o que pretendes fazer?

BRITO.— Nada: neste paiz, infelizmente, esta é a sorte de quasi todos que descem do poder.

SCENA XIV

PHILOMENA, RAUL, DR. MONTEIRINHO, BEATRIZ, MR. JAMES, FELIZARDO, BRITO e PHILIPPE

MR. JAMES.— (*A Philippe, que entra ás carreiras, offegante, e cae-lhe desmaiado nos braços.*) How! Tudo estar desmaia nesta casa!

PHILOMENA.— Vão ver depressa vinagre. (*Raul corre para dentro.*)

BEATRIZ.— Como elle está pallido! Vou buscar agua de Colonia (*Corre para dentro.*)

MR. JAMES.— Oh! nó, nó, é melhor traz cognac.

DR. MONTEIRINHO.— Vou busca-o. (*Sae correndo.*)

BRITO.— (*Batendo-lhe nas mãos.*) Senhor, senhor! E' o pobre do repporter!

BEATRIZ.— Aqui está. (*Põe agua de Colonia no lenço e chega-lhe ao nariz. Philippe abre os olhos.*) *Ca y est! Il est gueri!*

PHILIPPE.— Onde estou? Ah! (*Sae dos braços de Mr. James.*)

DR. MONTEIRINHO.— Cá está o cognac. Já não é preciso?

BRITO.— O que tem?

PHILIPPE.— (*Não podendo fallar.*) Comprei este bilhetê.
(*Mostra-o, tirando-o do bolso.*) Vou ver a lista...

MR. JAMES.— Branca.

PHILIPPE.— E tirei duzentos contos!

PHILOMENA.— Duzentos contos!

BEATRIZ.— Ah! b-h!

PHILIPPE.— (*Ajoelhando-se aos pés de Beatriz.*) Minha
senhora, eu adoro-a, idolatro a. Quando a vi pela primei-
ra vez foi no Castellões, a senhora comia uma empada.
Quer aceitar a minha mão?

BEATRIZ.— *De tout mon cœur.*

MR. JAMES.— *All right!* boa negocia.

CAE O PANNÓ

